

Culturgest

# Fantasma

Armanda Duarte  
*cabeça, tronco e membros, 2012*

## Fantasma

## A Coleção da Caixa Geral de Depósitos

Gabriela Albergaria  
Leonor Antunes  
Michael Biberstein  
Joaquim Bravo  
Pedro Cabrita Reis  
Alberto Carneiro  
Rui Chafes  
Fernão Cruz  
Luísa Cunha  
Armanda Duarte  
João Paulo Feliciano  
João Gabriel  
Ana Jotta  
Álvaro Lapa  
João Queiroz  
Julião Sarmiento  
Pedro Sousa Vieira  
Francisco Tropa

Esta brochura é publicada no âmbito das comemorações do trigésimo aniversário da Culturgest (1993–2023) e apoia a visita a *Fantasma Gaiata: A Coleção da CGD*. Composta exclusivamente por obras desta Coleção, Fantasma Gaiata propõe duas abordagens distintas a este importante acervo de arte contemporânea. No seu conjunto, as obras aqui reunidas permitem não só redescobrir os núcleos artísticos que a Coleção congregou desde a sua fundação, mas também conhecer as incorporações feitas nos últimos três anos, quer por intermédio de aquisições diretas, quer através do Concurso de Aquisição para Jovens Artistas.

*Fantasma* debruça-se sobre um dos eixos de reflexão que mais tem ocupado os artistas – particularmente, os artistas escultores – ao longo dos tempos: existência – presença – corpo – morte – memória. A noção de Corpo assume neste eixo uma posição central. Seja porque tem sido nele que temos, por norma, fixado os territórios da existência e da presença, seja porque, mais do que o espírito ou a índole, é o corpo que morre e que desaparece. Em arte, esta ligação ao corpo tem uma outra, e basilar, implicação: a arte é o produto do encontro de um objeto feito pelo corpo do artista para ser experienciado pelo corpo do visitante. Se a arte é um fenómeno de natureza intersubjetiva, o seu veículo é sempre intersomático: um corpo que faz para que outro corpo sinta.

A espinha dorsal de *Fantasma* é, portanto, uma sucessão de momentos nas várias declinações da ideia de corpo: o corpo como testemunha, o corpo como ideia, como matéria, como limite ou como lugar de pulsão, são ideias-chave que vão desvendando os múltiplos diálogos que se encenam no espaço. Nos extremos da primeira sala, um corpo extingue-se – o corpo metonímico de Armanda Duarte, transformado numa linha de balsa com a sua altura, uma linha que numa performance se elide ao longo do período da exposição – e um outro, da autoria de Francisco Tropa, soergue-se dos mortos, feito de ossos, ramos e folhas. Ambos convocam a noção de presença, dessa peculiar vibração da energia no espaço, mas parecem movidos por intenções opostas: o primeiro propõe-se regressar deliberadamente ao pó, como quem precipita o seu próprio e inevitável desaparecimento só para o poder ver acontecer, uma e outra vez; ao passo que o segundo quer regressar deliberadamente à vida, como se um demiurgo pudesse devolver àqueles ramos e àquelas folhas os predicados da matéria pulsante da carne, do sangue e da linfa. Entre estes dois corpos, deita-se um outro, o corpo fragmentado de uma *Árvore Cortada em Cubos*. A geometria a que Gabriela Albergaria sujeita o tronco da árvore recorda-nos que a questão do corpo, no seu sentido mais amplo, se joga entre os polos do geométrico e do orgânico, do natural e do artificial, da violência e do prazer, da imanência e da transcendência.

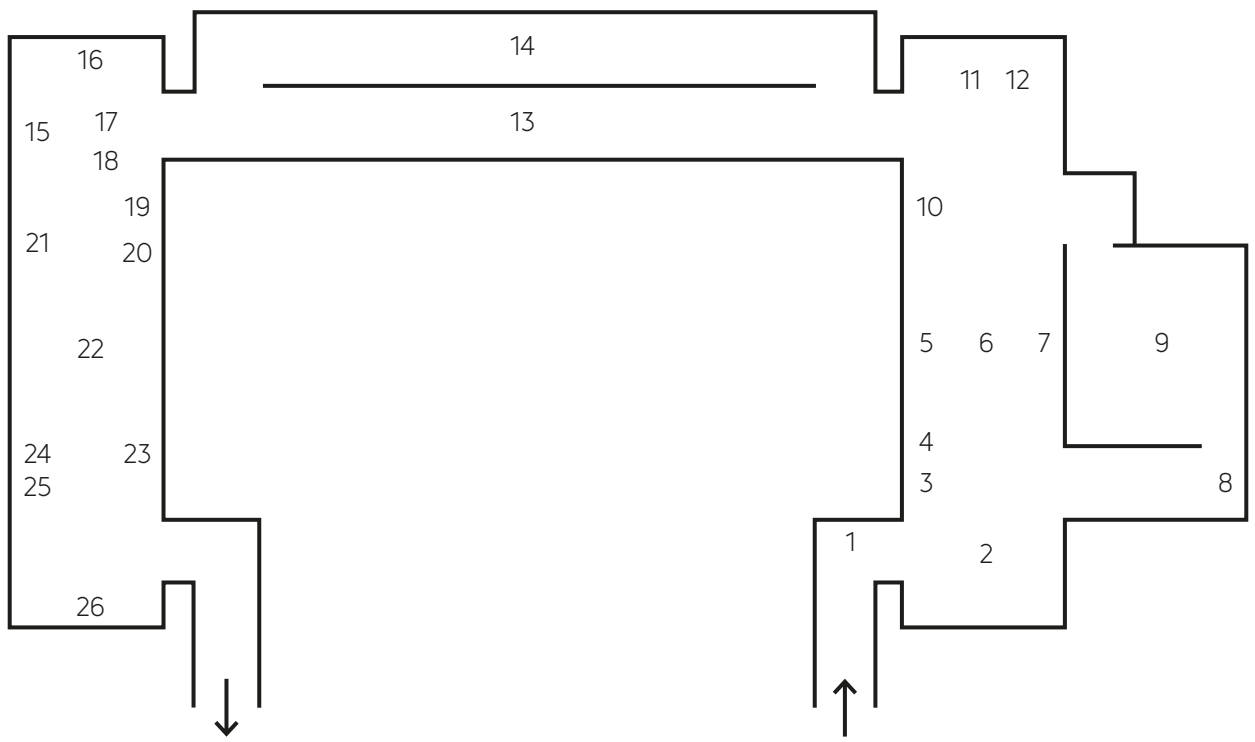
Como que numa perpendicular ao diálogo entre estas três peças, desenha-se um outro eixo, desta feita organizado em torno da ideia de corpo como lugar de experiência. As pinturas de João Queiroz são como relatos de uma deambulação na natureza. Não pretendem retratá-la nem imaginá-la, apenas deixar um relato visual dos eventos sentidos ao longo de uma perambulação: esta pedra no caminho, aquele galho esguio, um arbusto escarlata, uma dada atmosfera. Nesse sentido, elas são o oposto quer da natureza científica, objetiva e documental de *Endangered and Vulnerable* de Gabriela Albergaria, quer do *Canavial* de Alberto Carneiro. Este, na verdade, repõe um espaço “natural” nas salas da galeria para que uma experiência de atravessamento seja, de facto,

vivida pelo visitante. O tom noturno da travessia visa sublinhar a sua potência erótica, a promessa do encontro dos corpos a coberto da noite, o segredo das suas mútuas consumações.

No espaço infinito do corredor que separa os corpos simétricos da Galeria 1 encontram-se duas peças lineares. A primeira, de Luisa Cunha, deixa impressa nas paredes o sismograma dos seus braços estendidos, a altura do seu olhar e a descrição textual do processo de construção da obra. A segunda, de Leonor Antunes, convida-nos a funambular, a atravessar o corredor, pé ante pé, sobre um carril de madeira e com o apoio de uma vara cujas medidas correspondem à largura do espaço. Longe de ser um recurso de salvação, esta vara é, na verdade, um gatilho: o elemento que contribui definitivamente para destabilizar a nossa relação com a gravidade e com o horizonte, lembrando-nos que toda a escultura é um jogo de equilíbrios e um comentário ao nosso corpo como centro de perceção fenomenológica, como matéria que organiza o real a partir de uma (sua) verticalidade supostamente inabalável.

Queda é também um dos assuntos centrais das pinturas que se encontram na saída do corredor. Quando as produziu, em 1991, Michael Biberstein tomou como referência a pintura *Naufrágio*, de Claude-Joseph Vernet, pertencente ao Museu de Arte Antiga. A noção de queda explana-se, aqui, em múltiplos sentidos: a queda como mergulho desesperado do naufrago ou como mergulho deliberado na pintura; a queda como metáfora da morte ou da decadência; a queda como ideal romântico, como expressão de glória, como registo físico e visual do negro impenetrável que desponta do alto de *Very Large Attractor*. Trata-se também de um jogo de luz e de trevas, como nos torsos maculados de Pedro Sousa Vieira, na coroa baça de Fernão Cruz ou nas centelhas da bateria de Pedro Cabrita Reis.

A memória é um eco. O corpo escultórico é, frequentemente, o resalto de uma memória sobre uma superfície dura. Essa memória é feita de diferentes energias, de suplementos vindos de distintas referências e lugares, cada qual com a sua intensidade, timbre e volume. O último eixo de *Fantasma* fala-nos dessa corrente alternada de memórias que geram conversas entre artistas e entre corpos de obras. E são notórias as pistas desses diálogos no isomorfismo das peças de Joaquim Bravo e de João Paulo Feliciano, ou no recurso à luz e ao aparato industrial nas deste último e de Cabrita Reis. Os espaços que entre elas medeiam são os intervalos das múltiplas repercussões que entre eles se estabelecem, e nas quais se desenha uma das mais consequentes abordagens à noção de escultura como corpo expandido, multiforme e vernacular.





Álvaro Lapa  
*Melville na Bastilha, 1991-1992*

- 1**  
**Rui Chafes**  
*Depois de para sempre XII*, 1988  
Ferro pintado
- 2**  
**Armanda Duarte**  
*cabeça, tronco e membros*, 2012  
Linha de balsa (com a altura do executante), folha de lixa e prateleira de madeira
- 3**  
**João Queiroz**  
Sem título, 2020  
Óleo sobre poliestireno extrudido
- 4**  
**João Queiroz**  
Sem título, 2020  
Óleo sobre poliestireno extrudido
- 5**  
**Alberto Carneiro**  
*Memória do corpo sobre a terra*, 1983-1984  
Grafite sobre papel vegetal (série de 5 desenhos)
- 6**  
**Gabriela Albergaria**  
Árvore cortada em cubos e montada em linha, 2018-2020  
Madeira de árvore local (recolhida no Parque Florestal de Monsanto)
- 7**  
**Gabriela Albergaria**  
*Endangered and Vulnerable*, 2014  
Aquarela e lápis de cor sobre papel
- 8**  
**João Gabriel**  
Sem título, 2020  
Acrílico sobre papel
- 9**  
**Alberto Carneiro**  
*O canavial: memória metamorfose de um corpo ausente*, 1968  
Canas, fitas de cor, letra de decalque e rafia
- 10**  
**João Queiroz**  
Sem título, 2020  
Óleo sobre poliestireno extrudido
- 11**  
**Francisco Tropa**  
*A assembleia de Euclides (corpo)*, 2004  
Esqueleto de anatomia, cal, ramos de eucalipto e ervas diversas, corda de linho e de sisal, vitrina
- 12**  
**Francisco Tropa**  
*A assembleia de Euclides (cabeça)*, 2004  
Crânio em bronze, areia prensada, caixa de fundição em ferro, vitrina
- 13**  
**Leonor Antunes**  
*Funambulismo*, 2000-2001  
Madeira de Cambala
- 14**  
**Luisa Cunha**  
*Linha #1*, 2002  
Desenho sobre parede
- 15**  
**Michael Biberstein**  
*Big wide*, 1991  
Acrílico sobre tela de linho
- 16**  
**Michael Biberstein**  
*Very large attractor*, 1991  
Acrílico sobre tela de linho
- 17**  
**Pedro Sousa Vieira**  
Sem título, 1995  
Encáustica, fibra de vidro, desperdícios de algodão, lamelas de mica
- 18**  
**Pedro Sousa Vieira**  
Sem título, 1995  
Encáustica, fibra de vidro, desperdícios de algodão, lamelas de mica
- 19**  
**Joaquim Bravo**  
*O segredo*, 1985  
Acrílico sobre tela
- 20**  
**Ana Jotta**  
C. A., 1984  
Madeira e bronze
- 21**  
**Fernão Cruz**  
*Coroação*, 2019  
Bronze patinado
- 22**  
**Pedro Cabrita Reis**  
*H. Suite (XII)*, 1993  
Madeira, vidro, tubos em cobre, mangueira de borracha, pano-cru, campânulas de vidro, lâmpadas, cabos elétricos e sisal
- 23**  
**Julião Sarmiento**  
*O peso de um gesto*, 1990  
Acrílico sobre tela
- 24**  
**Álvaro Lapa**  
*Caderno de Artaud*, 1990  
Esmalte acrílico e marcador sobre platex
- 25**  
**Álvaro Lapa**  
*Melville na Bastilha*, 1991-1992  
Tinta acrílica, papel e verniz sobre tela
- 26**  
**João Paulo Feliciano**  
*Podium Attached to its Own Fake Shadow*, 1990  
Pódio de madeira laminada, alcatifa, vinil autocolante, carrinho de transporte, correntes, projetores de tungstênio



Michael Biberstein  
*Very Large Attractor*, 1991



Fernão Cruz  
*Coroação*, 2019



Culturgest

# Gaiata

Sónia Almeida  
*44 Sons/Fitas de Perfil, 2017*

## Gaiata

## A Coleção da Caixa Geral de Depósitos

Helena Almeida  
Sónia Almeida  
Jorge Barradas  
Von Calhau!  
Pedro Casqueiro  
Lourdes Castro  
Luísa Correia Pereira  
Mattia Denisse  
Cipriano Dourado  
José Escada  
Ricardo Jacinto  
Igor Jesus  
Ana Jotta  
José Loureiro  
Sara Mealha  
Jorge Molder  
Estevão Mucavele  
Bruno Pacheco  
Jorge Pinheiro  
Júlio Pomar  
Adriana Proganó  
Jorge Queiroz  
Joaquim Rodrigo  
Ana Santos  
Ângelo Sousa  
Edgard de Souza  
Bruno Zhu

### FANTASMA GAIATA

Curador:

Bruno Marchand

Direção de Produção:

Mário Valente

Produção:

Fernando Teixeira

Joana Leão

Montagem:

Equipa Maria Torrada

### COLEÇÃO DA

CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Direção adjunta:

Lúcia Marques

Conservação Preventiva:

Maria Manuel Conceição

Assessoria:

Hugo Dinis

Imagine-se um recreio. Imagine-se que se entra num recreio sem se fazer anunciar, que se atravessa esse recreio e se testemunha os diversos grupos que o animam, os diferentes jogos, desafios e velocidades que nele concorrem. *Gaiata* é esse recreio: o território lúdico do encontro entre pares, das suas interações, ora espontâneas, ora ensaiadas. Trata-se de um fluxo de intensidade variável, de uma corrente de energia que voga ao sabor dos interesses, das singularidades e dos humores dos participantes – um fluxo que se quer perpetuar no mais alto grau de prazer e de liberdade possível, antes que a vida se reorganize em torno de tarefas e vivências funcionais. O recreio é o lugar do pensamento lateral, da lógica distorcida; o terreno fértil do acaso, do gesto irrefletido, da combustão espontânea.

O primeiro rastilho deste recreio acende-se nas colagens “rorschachianas” de José Escada, num palhaço feérico de Ana Jotta e nos *Rombordados* de Von Calhau!. Deste encontro desprende-se uma energia subversiva. Pressente-se uma comédia que muda de tom no movimento que vai dos recortes simétricos aos bordados e destes ao palhaço púdico que encima um plinto, também ele feito escultura. A tragicomédia da arte faz-se aqui do olhar que respiga objetos do quotidiano, de um arranjo floral em cartolinas coladas e da energia caleidoscópica dos desenhos a linha amarela sobre linho preto. A economia de meios na inversa proporção da intensidade sugestiva.

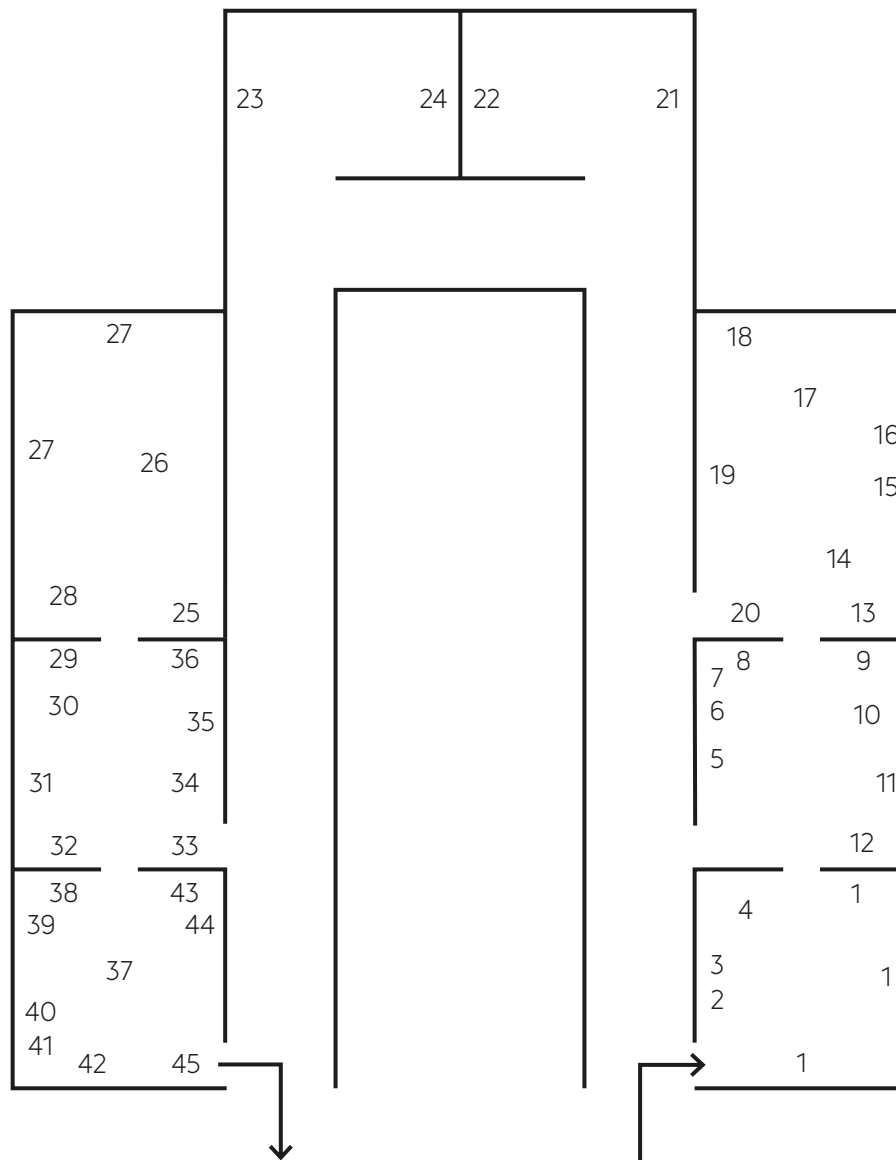
Na segunda sala da exposição há um *Homem no Armário*, metamorfoseado nas suas vestes, pronto-a-vestir, pronto a nascer. Conversa com uma pintura de Pedro Casqueiro que assinalou *34 Dias Castanhos* desde o seu nascimento. Ambos apontam metamorfoses, jogam com códigos e expectativas. A transformação e a viagem. A identidade dupla, a identidade líquida, a identidade contradita. Como no trabalho de Ana Jotta, feito de obras tão completamente díspares, tão absolutamente idiossincráticas.

Do centro da sala vislumbra-se, ao fundo, na sala seguinte, uma pintura suspensa de Sónia Almeida. É, em si mesma, um mostruário das muitas formas que a pintura pode ter. Fala-nos da revolução tecnológica, do *glitch*, do erro, da multiplicação das janelas e de como a Pintura foi, em dado momento, a única “janela para o mundo”. O que trouxe os demais participantes a este canto do recreio foi esse interesse na potencialidade da pintura. Jorge Queiroz faz dela o veículo para um mundo em fluxo constante, onde as formas se diluem numa espécie de delírio pictórico, nem propriamente figurativo nem exatamente abstrato, mas em permanente convulsão. Estevão Mucavele propõe o movimento oposto. As suas formas são tão estilizadas quanto arquetípicos e transversais são os seus motivos. As suas paisagens denotam, contudo, um uso da mão que confere um caráter tátil à experiência situado entre a segura gráfica das flores de Jorge Barradas e a promessa de fofura eterna dos Bagos de Edgard de Souza.

Dois duetos ocupam o espaço ao final das rampas. O primeiro reúne Jorge Pinheiro e Igor Jesus em torno das ideias de código, linguagem, música e matemática. A alusão a Prometeus, o Poema de Fogo, de Alexander Skrjabin, encontra um eco na busca de Pinheiro por uma matriz criativa inequívoca e totalizante. A luz estroboscópica da peça de Igor Jesus ilumina a obra de Pinheiro, acentuando a apetência de ambas pelo exercício da repetição como veículo para a experiência mística e transcendental. No espaço contíguo, o filme de Von Calhau! conta a história telúrica de dois seres unidos por um infinito cordão umbilical. É uma história de violência e de comunhão, cujos reflexos chegam ao Enigma de Édipo, de Júlio Pomar, ele mesmo uma colagem de corpos e dos seus tempos e ações amalgamadas, como se a pintura pudesse guardar, também ela, a temporalidade de um filme.

Pelas mãos de Prometeu e Édipo chegamos a outra figura mítica: Narciso. O quinto momento da exposição é pautado por obras que se encontram – metafórica, simbólica ou efetivamente – sob a égide do espelho. Todas elas manifestam, simultaneamente, um fascínio e um desconforto perante a imagem refletida. Há distorções e fugas, simulações e duplos a forçar uma descoincidência entre a imagem e o Ser. Há um estranhamento irreprimível e a estridência de um feedback provocado pela imagem do próprio a ser forçada pelos olhos adentro, a imagem que é causa e que é efeito, a perpetuar-se nesse curto-circuito. Na penúltima sala, um frente-a-frente. De um lado, as fileiras da abstração geométrica, nas suas múltiplas formulações. O *Geométrico Grande* de Ângelo de Sousa junta forças à mais democrática e longa aparição do espectro visível na peça de Bruno Pacheco (*25 Metros de Peça*) e a um Joaquim Rodrigo que pisca um olho crítico a Piet Mondrian. Do outro, Helena Almeida dá o mote da desconstrução da pintura, abrindo caminho à figuração e à liberdade formal e simbólica de Adriana Proganó. Nos entretantos, uma almofada de Lourdes Castro fixou a *Sombra projetada de Isaura Moniz de Bettencourt*, deixando clara a toada íntima que perpassa o conjunto.

As obras presentes na última sala da exposição reúnem-se em torno da noção de brilho. Ao centro, uma obra de Ana Santos resplandece. O seu corpo prostético é feito da junção de elementos de naturezas díspares que, não obstante, afirmam a sua unidade: um frankenstein em inox e nylon, a devolver-nos os matizes de luz circundantes na verticalidade dos seus braços cilíndricos. Uma combinação de elementos *prêts-à-emporter*, como os conteúdos das caixas de Lourdes Castro. O jogo de luz e sombra é o domínio estrito das pinturas de José Loureiro aqui presentes. A sua aparente simplicidade mascara um trabalho virtuoso da mão e nem sempre é evidente se foi a sombra que se apôs à luz ou o inverso. Por fim, a gravura neorrealista de Cipriano Dourado traz o nosso olhar da dupla de mondadeiras para o branco-luz da enxada que uma delas transporta, o lugar da promessa de transformação do que nos entorna pela força do trabalho, da partilha e da colaboração.



**1**  
**Von Calhau!**  
*Rombordados*, 2020  
Linha amarela em  
linho preto

**2**  
**José Escada**  
*Sem título (recorte azul)*,  
1968  
Recorte e colagem  
de cartolinas de cor

**3**  
**José Escada**  
*Sem título*  
*(recorte branco)*, 1968  
Recorte e colagem  
de cartolinas de cor

**4**  
**Ana Jotta**  
*LDJ - Luz de Jota*, 2001  
Madeira pintada,  
cerâmica e fotografia

**5**  
**Ana Jotta**  
*Escultura*, 1993  
Serigrafia sobre tela

**6**  
**Sara Mealha**  
*Sem título (série Parte I)*,  
2020  
Óleo sobre papel

**7**  
**Sara Mealha**  
*Sem título (série Parte II)*,  
2020-2021  
Óleo sobre papel

**8**  
**Ana Jotta e**  
**Pedro Casqueiro**  
*Solitaire Universel*, 1994  
Caixas de cassetes,  
fita Dymo, prateleira  
de madeira e vidros

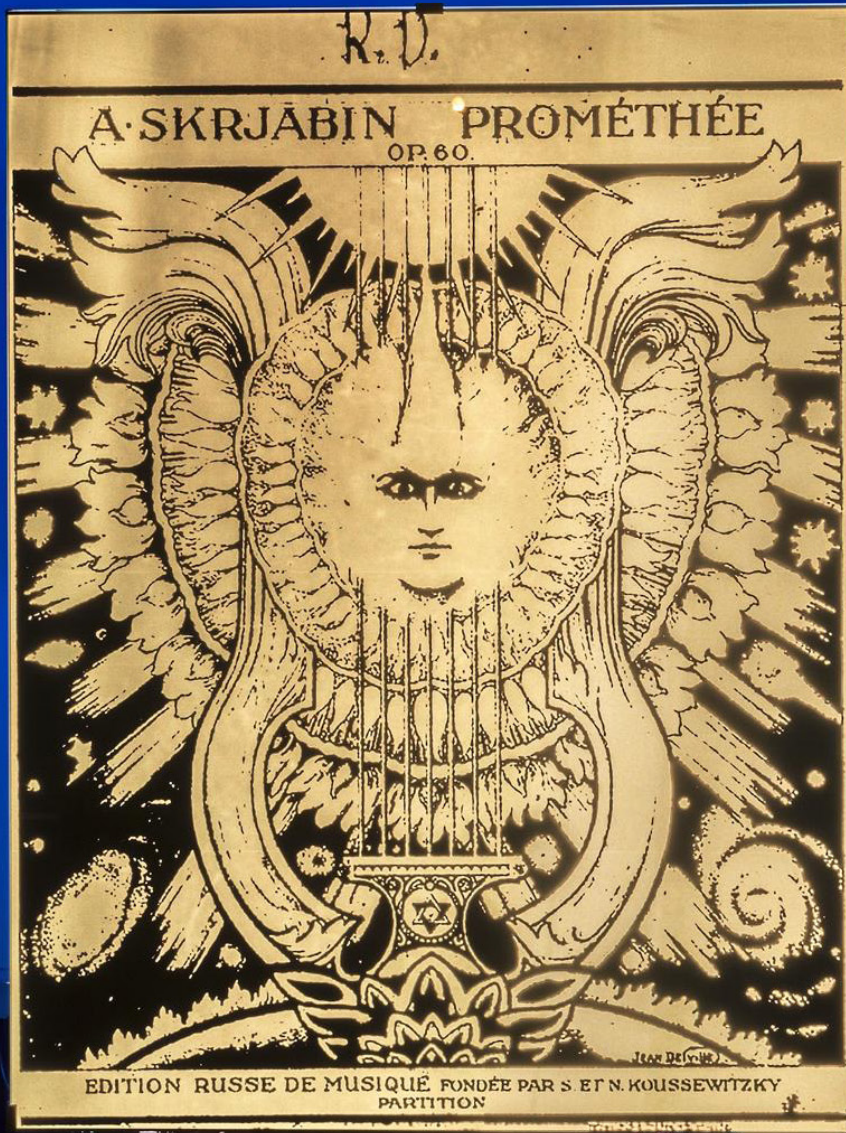
**9**  
**Pedro Casqueiro**  
*Sem título*, 1993  
Serigrafia e acrílico  
sobre tela

**10**  
**Ana Jotta**  
*Par*, 1993  
Borracha e bronze

**11**  
**Bruno Zhu**  
*Homem no Armário*,  
2017-2019  
Calças de homem  
alteradas, lã, algodão,  
cartão e cabide

**12**  
**Pedro Casqueiro**  
*34 Dias Castanhos*, 1993  
Óleo sobre papel japonês  
colado em tela, lacre,  
fio do norte e fórmica

- 13**  
**Luísa Correia Pereira**  
*4 Bolas - 4 arcos - 1 pau*, 1973  
Monotipia
- 14**  
**Edgard de Souza**  
*Bagos*, 1991  
Pele de vaca sobre madeira
- 15**  
**Estevão Mucavele**  
*Chegada do Inverno*, 2001  
Acrílico sobre tela
- 16**  
**Sónia Almeida**  
*44 Sons/Fitas de Perfil*, 2017  
Óleo sobre contraplacado marítimo
- 17**  
**Sónia Almeida**  
*Pockets and Lies*, 2020  
Peça de tecido (algodão, lã, poliéster, papel) com livro de artista, desenhos a óleo sobre papel e xilogravuras
- 18**  
**Jorge Barradas**  
*Gravura*, 1967  
Litografia
- 19**  
**Jorge Queiroz**  
*A Day Later 1*, 2020  
Tinta acrílica, óleo e serigrafia sobre tela
- 20**  
**Estevão Mucavele**  
*Montanhas de Moçambique*, 1999  
Acrílico sobre tela
- 21**  
**Jorge Pinheiro**  
*Mensagem Inequívoca I*, 1977  
Acrílico sobre tela
- 22**  
**Igor Jesus**  
*Poem of Fire*, 2021  
Led wall, impressão UV sobre vidro, estrutura metálica, halteres, sintetizadores, oscilador, célula fotossensível; vídeo full HD, loop, som generativo
- 23**  
**Júlio Pomar**  
*L'énigme d'Oedipe*, 1978  
Acrílico e colagem de tecido sobre tela
- 24**  
**Von Calhau!**  
*AVESSO*, 2011  
Filme 16mm transferido para vídeo full HD
- 25**  
**Mattia Denisse**  
*Aquele é exactamente semelhante a mim; como o é Litotes*, 2019  
Monotipia
- 26**  
**Ricardo Jacinto**  
*O (de Eco a Narciso)*, 1998  
Microfone sem fio, altifalante, espelho, tripés, monitor, câmara de vigilância, cabo de aço e motor
- 27**  
**Jorge Molder**  
*Inox*, 1995  
Provas de gelatina sal de prata
- 28**  
**Ana Jotta**  
*Who cares?*, s.d.  
Bibelô, espelho e livro
- 29**  
**Ângelo de Sousa**  
*Sem título (Geométrico grande)*, 1967  
Suporte de platex, preparação acetato de polivinilo, pintura a guache, acetato de polivinilo, verniz de cera à tableaux
- 30**  
**Bruno Pacheco**  
*Studio Ashtray*, 2005  
Plástico, tinta acrílica, metal e papel (assemblagem)
- 31**  
**Bruno Pacheco**  
*25 meters of piece*, 2005  
Acrílico sobre tela
- 32**  
**Joaquim Rodrigo**  
*Vermelho x azul n.º 3*, 1958  
Óleo sobre tela
- 33**  
**Helena Almeida**  
Sem título, 1970  
Acrílico sobre tela e volumes em tela pintada com enchimento de esponja
- 34**  
**Lourdes Castro**  
*Sombra projetada de Isaura Moniz de Bettencourt*, s.d.  
Recorte e bordado sobre tecido de algodão
- 35**  
**Adriana Proganó**  
*Connected*, 2020  
Óleo sobre tela
- 36**  
**Adriana Proganó**  
Sem título, 2020  
Óleo sobre tela
- 37**  
**Ana Santos**  
Sem título, 2019  
Aço inoxidável e poliéster
- 38**  
**José Loureiro**  
Sem título, 2003  
Óleo sobre tela
- 39**  
**José Loureiro**  
Sem título, 2005  
Óleo sobre tela
- 40**  
**Lourdes Castro**  
*Caixa alumínio (óculos)*, 1962  
Assemblagem de objetos diversos, tinta de alumínio
- 41**  
**Lourdes Castro**  
*Caixa alumínio (lagostins)*, 1962  
Assemblagem de objetos diversos, tinta de alumínio
- 42**  
**José Loureiro**  
Sem título, 2006  
Óleo sobre tela
- 43**  
**Cipriano Dourado**  
*Mondadeiras*, 1959  
Litografia
- 44**  
**Ana Santos**  
Sem título, 2020  
Ferro galvanizado e pintura lacada
- 45**  
**Ana Jotta**  
Sem título, 1997  
Bandeira de aviso em pano com círculos recortados, cabo de madeira e fio de algodão



R.V.

A. SKRJÄBIN PROMÉTHÉE  
OP. 60.

EDITION RUSSE DE MUSIQUE FONDÉE PAR S. ET N. KOUSSEWITZKY  
PARTITION

Igor Jesus  
*Poem of Fire*, 2021



Von Calhau!  
*Rombordados, 2020*



**Bruno Zhu**  
*Homem no Armário, 2017-2019*